

EVENTUALIDADES INCREMENTAIS E A SEMÂNTICA DE *TERMINAR*¹

ROBERLEI ALVES BERTUCCI

USP

RESUMO: Este trabalho investiga a contribuição semântica realizada por *terminar* na construção *terminar de + infinitivo*. Baseados na proposta de Rothstein (2004) sobre a incrementalidade em predicados de accomplishments, argumentamos que esse verbo seleciona como argumento um predicado que denota uma eventualidade *e*, uma eventualidade incremental, e retorna um outro predicado que denota um evento *e'*, que é a culminação de *e*. Mostramos ainda que a seleção de predicados de eventualidades incrementais por verbos ou outros elementos com a mesma função de *terminar* em português brasileiro é uma constatação translinguística.

Palavras-chave: classes vendlerianas; incrementalidade; verbos aspectuais; verbo *terminar*

ABSTRACT: This work aims to research the semantics of *terminar* 'to finish' in the periphrasis *terminar de + infinitive*, literally 'finish of + infinitive'. Following Rothstein's (2004) work on incremental predicates, we argue that this aspectual verb selects for a predicate which denotes an incremental eventuality as its argument, since it expresses the culmination of this eventuality. We also show that the selection of incremental eventualities related to *terminar* is a crosslinguistic fact.

Keywords: Vendlerian classes; incrementality; aspectual verbs; *terminar* 'finish' verb.

INTRODUÇÃO

Este trabalho investiga a contribuição semântica do verbo *terminar* em português brasileiro (doravante, PB) nas sentenças em que ele forma a perífrase *terminar de + infinitivo* e, nesse ambiente, chamaremos *terminar* de verbo aspectual (sobre *verbos aspectuais*, ver Newmeyer 1985; Lamiroy 1987; Da Cruz 1995; Fukuda 2006, entre outros). Seguindo Laca (2002; 2004), consideraremos que um verbo aspectual (ou 'aspectualizador') denota não uma eventualidade, mas uma parte da estrutura temporal de uma eventualidade. Em PB, *começar*, *continuar*, *parar* e *passar*, entre outros, também podem ser considerados verbos aspectuais.

Assumimos com Smith (1997) que verbos aspectuais podem ser considerados "super-lexicais", no sentido de que sua carga semântica é forte (não são verbos auxiliares) e realizam seleções, ao menos quanto ao tipo de predicado que tomam como argumentos. Por isso, aspectualizadores como *começar* e *terminar*, por exemplo, são diferentes de outros

* USP, São Paulo (SP), Brasil. roberleib@hotmail.com

¹ Agradeço os comentários e sugestões de Brenda Laca, Ana Müller, Marcelo Ferreira e Ana Paula Scher em versões semelhantes ao presente trabalho. Agradeço igualmente aos anônimos pareceristas deste periódico pelas críticas e sugestões. Todos os problemas ainda presentes são de minha inteira responsabilidade. Este trabalho foi realizado com o apoio financeiro da CAPES.

verbos que expressam aspecto gramatical – podem ser chamados de verbos auxiliares – tais como *estar* e *ir* (sobre essa diferença, ver Laca 2002;2004 e Cyrino & Matos 2007).

Em PB, um dos trabalhos que melhor discute a perífrase *terminar de + infinitivo* é o de Travaglia (2006), para quem essa perífrase tem a função de marcar o aspecto terminativo, entendido pelo autor como aquele que expressa os momentos finais de uma determinada situação. Travaglia (2006) lembra com propriedade que essa perífrase tem um significado próximo ao de *acabar de + infinitivo*. No entanto, o autor mostra que esta última perífrase tem uma função ambígua: pode ser similar a *terminar de + infinitivo* e marcar o momento final de uma situação, como temos em (1a-b), ou informar que a situação ocorreu há poucos instantes (1c), marcando o passado recente – cf. Travaglia (2006, p. 203).

- (1) a. Ivo acabou de escrever o artigo.
- b. Ivo terminou de escrever o artigo.
- c. Ivo acabou de chegar.

Neste trabalho, discutiremos apenas sentenças com a perífrase *terminar de + infinitivo*, a fim de evitar que os exemplos sejam confundidos com a noção de passado recente de *acabar de + infinitivo*.² Lembramos, no entanto, que toda a discussão envolvendo exemplos com a perífrase encabeçada por *terminar* vale também para casos com *acabar* em que esse verbo marque o momento final de uma eventualidade (cf. Bertucci 2010).

Outros casos que deixaremos de lado neste artigo são aqueles com gerúndio (2a-b) ou com a preposição *por* (2c-d),³ porque, aparentemente, eles não expressam o mesmo significado de *terminar de*, não podendo ser analisados pela nossa proposta. Indicamos os textos de Travaglia (2006) e Rodero (2010) para uma análise sobre esses fenômenos.

- (2) a. Ivo acabou escrevendo o artigo.
- b. Ivo terminou escrevendo o artigo.
- c. Ivo acabou por escrever o artigo.
- d. Ivo terminou por escrever o artigo.

Como dissemos, nossa intenção é tratar *terminar* como um verbo aspectual. Alguns trabalhos sobre essa classe de verbos – Newmeyer (1975), Freed (1979), Lamiroy (1987), Rochette (1988; 1999), Brinton (1988), Da Cruz (1995), Smith (1997), Laca (2002; 2004), Fukuda (2006), Bertucci *et al.* (2009; 2010), entre outros – sustentam que esses verbos impõem restrições quanto ao tipo de predicado que selecionam. Por exemplo, levando em conta as classes vendlerianas (estados, atividades, accomplishments e achievements), aspectuais como *começar* e *parar* selecionam predicados que denotam atividades (3a)

² Conforme nos apontou Marcelo Ferreira (comunicação pessoal), um teste para separar as duas leituras de *acabar* seria com o modificador *já*: em sentenças com esse modificador, *acabar* tem apenas a leitura de *terminar*, por isso não ocorre em (ii).

- i. Ivo já acabou de jantar.
- ii. #Ivo já acabou de chegar.

³ Além disso, vamos desprezar o sentido da preposição em *terminar de + infinitivo* e nos referiremos unicamente à semântica do verbo *terminar* nesta construção.

ou accomplishments (3b), mas não selecionam aqueles que denotam estados (3c) ou achievements (3d).

- (3) a. Ivo começou a/ parou de dançar.
 b. Ivo começou a/ parou de construir a casa.
 c.*Ivo começou a/ parou de ser alto.
 d.#Ivo começou a/ parou de recolher a lata.

Olhando para os casos em (3), não teríamos como responder, por exemplo, se os verbos aspectuais selecionam predicados que denotam eventos atélicos ou télicos, já que *dançar* em (3a) é atélico e *construir a casa* em (3b) é télico. Por outro lado, poderíamos dizer simplesmente que os verbos aspectuais selecionam predicados de atividades ou accomplishments. Mas dizer as classes que eles selecionam não significa dizer qual propriedade essas classes têm em comum para serem selecionadas pelos aspectuais. Além disso, o verbo aspectual *terminar* só seleciona predicados que denotam accomplishments (4a), conforme nos mostram os dados a seguir – cf. Bertucci *et al.* (2009).

- (4) a. Ivo terminou de construir a casa.
 b.#Ivo terminou de dançar.
 c.*Ivo terminou de ser alto.
 d.*Ivo terminou de recolher a lata.

A explicitação das combinações e restrições acima gera pelo menos duas questões: por que predicados de estados e achievements (3c-d; 4c-d) não são selecionados por *começar*, *parar* e *terminar*? E por que *terminar* seleciona apenas predicados de accomplishments (4a)?

Para a primeira pergunta, poderíamos sugerir que os verbos aspectuais selecionam predicados de eventos durativos; como achievements não são durativos, eles não podem ser selecionados. Mas isso não explicaria por que predicados de estados não são selecionados, se eles são eventos que duram (são durativos por natureza). Poderíamos levantar uma outra hipótese: *começar* e *parar* exigem que os predicados selecionados denotem eventualidades com estágios – na terminologia de Rothstein (2004). Por “ter estágios”, considera-se uma eventualidade que tenha partes, ou eventos menores que a constituam. A atividade de correr, por exemplo, é constituída de pequenos eventos de correr, e a atividade de dançar é constituída de vários passos. A eventualidade de construir uma casa é constituída por vários eventos como fazer o alicerce, erguer as paredes, pintar a casa etc. Assumimos, então, que apenas atividades e accomplishments têm estágios, o que explica por que *começar* e *parar* selecionam os predicados que as denotam.

Com relação ao verbo *terminar*, levantamos a hipótese de que seu papel seja justamente a de expressar o último estágio de uma dada eventualidade, o que Rothstein (2004) chama de *upper bound* numa relação incremental (cf. seção 2). Neste trabalho, sugerimos que a contribuição semântica desse verbo seja justamente a de expressar o *upper bound* e o fato de ele selecionar apenas predicados de accomplishments está diretamente relacionado com o seu papel na língua: apenas essa classe de verbos tem em sua estrutura um *upper bound* (cf. seção 2).

Este trabalho está assim organizado: na seção 1, apresentamos a noção de telicidade e estágios e assumimos que a propriedade necessária para um predicado ser selecionado

por *terminar* é [+estágio] e [+tético], propriedades próprias de predicados que denotam accomplishments. Na seção 2, discutimos como se dá a formação accomplishments com relação à noção de incrementalidade. Vamos mostrar que é o fato de serem incrementais que os tornam “selecionáveis” por *terminar*. Finalmente, na seção 3, propomos que *terminar* toma um predicado de accomplishment como argumento e retorna o upper bound da eventualidade em questão, ou seja, retorna o evento mínimo final (a culminação) de uma eventualidade incremental. Além disso, apresentamos dados de outras línguas que parecem estender translinguisticamente nossa análise para *terminar* em PB.

1. VERBOS ASPECTUAIS E CLASSES DE VENDLER

Nesta seção, discutimos as classes vendlerianas a fim de traçar nossa análise sobre *terminar* em PB. Seguindo Bertucci *et al.* (2010), defendemos que verbos aspectuais como *começar*, *parar* e *terminar* selecionam predicados cujas eventualidades tenham estágios, i.e., cujo sintagma verbal (VP) tenha a propriedade [+estágios].

Rothstein (2004) propõe que as quatro classes de Vendler possam ser divididas de acordo com duas propriedades: telicidade e estágios (\pm tético; \pm estágios). Para a autora, telicidade está relacionada à homogeneidade (ou não) das eventualidades, que pode ser verificada a partir da possibilidade de se somar eventos do mesmo tipo. Ela diz que “o que distingue predicados atéticos de téticos é o que podemos chamar formalmente de S-cumulatividade” (Rothstein 2004, p. 9);⁴ apenas predicados atéticos têm essa propriedade.⁵

Para a autora, S-cumulatividade é a propriedade que distingue eventualidades com estágios como *corrigir uma prova* (accomplishment) e *correr* (atividade). Eventos atéticos, como *correr*, podem ser colocados juntos, somados e formar um único evento. Se uma pessoa correu durante algum tempo, parou um pouco para tomar um fôlego, depois correu mais um pouco, podemos somar as suas duas corridas e dizer simplesmente que essa pessoa correu. Isso ocorre porque há homogeneidade em eventos atéticos como *correr*, que é, portanto, S-cumulativo.

Por outro lado, um evento tético como *corrigir uma prova* é diferente: se a professora corrigiu uma prova, descansou um pouco, depois corrigiu outra prova, não podemos juntar os dois eventos e dizer simplesmente que a professora corrigiu **uma** prova. Nesse caso, dizemos que ela corrigiu **duas** provas, e a razão disso é que eventos téticos não são homogêneos como os atéticos.

Rothstein (2004) assume que “ter estágios” é a segunda propriedade capaz de explicar a diferença entre as classes de Vendler. Para a autora, essa propriedade está relacionada

⁴ Todas as traduções feitas neste artigo são nossas.

⁵ S-Cumulatividade é assim definida em Rothstein (2004, p. 9):

$$i. \exists e \exists e' [X(e) \wedge X(e') \wedge \neg e \subseteq e' \wedge \forall e \forall e' [X(e) \wedge X(e') \wedge R(e, e') \rightarrow X(S(e \sqcup e'))]]$$

Em palavras: um predicado X é S-cumulativo se quaisquer duas instâncias de X relacionadas pela relação ‘R’ podem ser somadas e essa soma formar uma única entidade singular que está, ela mesma, na denotação de X. Para Rothstein (2004, p.9) ‘R’ envolve uma adjacência temporal e a presença dos mesmos argumentos.

diretamente à possibilidade de um evento aparecer no progressivo (um evento tem estágios só se ele puder aparecer no progressivo). Nós podemos entender essa propriedade assim: um evento tem estágios se ele tem diferentes subeventos que ocorrem em momentos diferentes. Mas por que ter ou não ter estágios é importante para caracterizar as classes vendlerianas?

A resposta de Rothstein (2004, p. 11) é que “um verbo no progressivo afirma que uma eventualidade de um tipo particular está ‘em progresso’ ou ‘continua’”, o que é natural para atividades e accomplishments, mas não para estados e achievements: estados não são gramaticais no progressivo porque eles não são dinâmicos e não têm estágios identificáveis; achievements não têm estágios porque são eventos de natureza instantânea.⁶

A ideia de Rothstein (2004) sobre estágios está relacionada à de Landman (1992). Ele afirma que um evento *e* é estágio de *e'*, se e somente se *e'* for uma versão mais desenvolvida de *e*, i.e., *e* é apenas uma parte de *e'*. É basicamente essa a ideia que se tem para as eventualidades com estágios; os estágios são subeventos de um evento maior.

Outra questão discutida em Rothstein (2004) diz respeito às diferenças entre duas eventualidades atéticas, como *correr* e *acreditar em uma segunda vida*, chamadas de atividades e estados, respectivamente. As atividades têm estágios, porque têm subeventos (apesar de nem sempre serem facilmente percebidos): na eventualidade de correr, por exemplo, cada passo sincronizado da corrida pode ser considerado um subevento de correr. Quando somamos esses subeventos, temos o que chamamos de “correr”. Apesar de ter estágios, atividades são homogêneas em relação a partes mínimas, que podem ser juntadas e somadas.

Os estados, por sua vez, são eventualidades sem estágios, pois não possuem subeventos: na eventualidade de acreditar numa segunda vida, não há como identificar momentos diferentes ou partes dela. Ela é homogênea em relação aos seus instantes e não em relação a partes mínimas como as atividades. Logo, não faz sentido se falar de soma de eventualidades estativas.

Assim, com base nas propriedades [±télico] e [±estágios], Rothstein (2004) propõe a seguinte caracterização para as classes de Vendler:

(5) As propriedades das quatro classes de Vendler

Classe	(±estágios)	(±télico)	Exemplos de eventualidades
Estados	-estágio	-télico	<i>ser alto, ser brasileiro</i>
Achievements	-estágio	+télico	<i>entregar uma prova, vender uma lata</i>
Atividades	+estágio	-télico	<i>correr, dançar</i>
Accomplishments	+estágio	+télico	<i>comer três maçãs, corrigir uma prova</i>

⁶ Um parecerista observou que o fato de “os estados não serem gramaticais no progressivo” seria uma observação válida para o inglês, mas não para o português. Na verdade, mesmo em inglês alguns estados aparecem no progressivo (cf. Partee 1977; Payne 2010), em casos como *John is loving his new job*. Em português, alguns estativos também podem aparecer no progressivo, como em *João está amando seu novo emprego*; *João está sendo simpático* (cf. Cunha 2005). Nesses casos, no entanto, acreditamos que o progressivo não exprima estágios no sentido de Landman (1992) ou Rothstein (2004), mas um estado temporário. A diferença do progressivo com estados e outras classes ficará, no entanto, para uma pesquisa futura.

Como já discutimos as classes nos parágrafos anteriores, vamos apenas acrescentar uma observação sobre os accomplishments: em casos como *corrigir uma prova*, cada questão pode ser considerada um estágio no processo de correção da prova. Além disso, accomplishments são télicos porque têm um ponto final (no caso de *corrigir uma prova*, a última questão). Rothstein (2004, p. 21) diz que “intuitivamente, um accomplishment é uma atividade que se move em direção a um ponto final”, i.e., uma atividade com uma culminação.

Voltando aos dados em (3), nossa hipótese de que os verbos aspectuais do tipo *começar* e *parar* selecionam predicados com o traço [+estágios] parece estar correta, já que essa é de fato a única propriedade partilhada pelas atividades (3a) e accomplishments (3b). Por outro lado, estados (3c), bem como achievements (3d) não são escolhidos justamente porque não têm a propriedade [+estágios].

- (3) a. Ivo *começou a/ parou de* dançar.
 b. Ivo *começou a/ parou de* construir a casa.
 c. *Ivo *começou a/ parou de* ser alto.
 d. #Ivo *começou a/ parou de* recolher a lata.

Embora nossa ideia de que os verbos aspectuais selecionem predicados com a propriedade [+estágios] pareça estar correta, ela não é suficiente para explicar os casos com o aspectual *terminar*. Voltemos aos exemplos em (4).

- (4) a. Ivo *terminou de* construir a casa.
 b. #Ivo *terminou de* dançar.
 c. *Ivo *terminou de* ser alto.
 d. *Ivo *terminou de* recolher a lata.

Como dissemos, *terminar* seleciona apenas predicados que denotam accomplishments (4a). Intuitivamente, isso parece lógico: *terminar* é um verbo aspectual que expressa o último estágio de um processo (evento télico com estágios). Apesar de terem estágios, as atividades não são selecionadas por *terminar* porque são um processo sem ponto final intrínseco, i.e., são atélicas. Por isso, consideramos que *terminar* seleciona um VP cujas propriedades são [+estágios] e [+télico] e apenas os accomplishments as têm.

Essas propriedades dos VPs são composicionais e levam em conta, por exemplo, as características dos verbos e seus complementos (cf. Tenny 1994; Wachowicz 2008 e referências internas). Como se sabe, os objetos diretos têm um papel importante na composição da estrutura aspectual das sentenças. Sintagmas verbais cujo núcleo seja um verbo com traços de achievement podem ser complementos de alguns verbos aspectuais, se seus argumentos forem sintagmas nominais nus ou plurais (cf. Bertucci *et al.* 2010), como se vê em (6):

- (6) a. Ivo *começou a/ parou de* recolher latas.
 b. Ivo *começou a/ parou de* recolher lata.
 c. Ivo *começou a/ parou de* recolher as latas.

Em (6a), o complemento de *recolher*, um verbo com traços de achievement, é o plural

nu *latas*; em (6b), é o singular nu *lata* e em (6c), é o definido plural *as latas*. Com esses argumentos, o VP cujo núcleo é *recolher* pode ser selecionado pelos aspectuais *começar* e *parar*, ao contrário do que tínhamos visto com o definido singular *a lata* em (3d).

Com o verbo aspectual *terminar*, no entanto, nominais nus não podem aparecer como argumento no VP (7a-b), ao contrário do definido plural (7c).

- (7) a.*Ivo *terminou de* recolher latas.
 b.*Ivo *terminou de* recolher lata.
 c. Ivo *terminou de* recolher as latas.

Se *terminar* seleciona apenas predicados de accomplishments, concluímos que (7c) descreva uma eventualidade desse tipo. Por isso, a seção seguinte esclarece quais são as propriedades dos accomplishments, o que contribuirá para a nossa análise sobre a semântica de *terminar*.

2. A CONSTITUIÇÃO DOS ACCOMPLISHMENTS E A SELEÇÃO DE *TERMINAR*

Temos afirmado que *terminar* exige que seu VP complemento seja [+estágios] e ao mesmo tempo [+tético], ou seja, exige um predicado de eventualidades accomplishments. Por isso, o principal objetivo desta seção é verificar mais a fundo a estrutura dos accomplishments. Num segundo momento, vamos verificar se todo predicado chamado de accomplishment pode mesmo ser selecionado por *terminar* em PB. Bertucci *et al.* (2009) mostram que *terminar* é um verbo aspectual que seleciona apenas predicados de accomplishments como complemento, como se viu nos exemplos em (4), anteriormente.

No mesmo trabalho, os autores mostram casos em que *terminar* parece selecionar um NP (sintagma nominal) e não um VP, como vemos em (8).

- (8) a. Ivo terminou a casa.
 b. Ivo terminou a cerveja.
 c. Ivo terminou o livro.

Olhando para dados como (4a) e (8), os autores questionaram se *terminar* selecionaria dois tipos diferentes de complementos: VPs, como *construir a casa* em (4a), e NPs, como *a casa* em (8a) – (ver também Perlmutter 1970; Newmeyer 1975, Rochette 1988, 1999, entre outros). Eles optaram por assumir que verbos aspectuais sempre selecionam VPs e que em (8) o núcleo do VP complemento de *terminar* estaria vazio. Isso não é um fato novo na literatura: Rochette (1988, 1999) já havia assumido essa posição para casos com verbos aspectuais como *begin* ‘começar’, no inglês, como em (9):

- (9) John began the work.
 ‘John começou o trabalho’

No entanto, para se abordar os casos em (8), ainda restaram duas perguntas: i) por que o verbo (e não o objeto) ficaria implícito? e ii) que tipo de verbo poderia ser núcleo do VP selecionado por *terminar* nos casos em (8)?

Com relação ao primeiro caso, se diz que objetos diretos quantificados medem as eventualidades das quais participam (cf. Tenny 1994) e que a ausência do objeto impediria tal medida. Ao inserir um objeto quantificado, portanto, se dá a medida que um accomplishment exige (e, conseqüentemente, *terminar*). Além disso, podemos assumir que existe um verbo implícito (dado contextualmente) para cada VP em (8), e que a combinação entre esse verbo e seu objeto formam um predicado que pode ser selecionado por *terminar*.

Mas que tipo de verbo poderia aparecer em (8)? Nossa hipótese é a de que apenas verbos com traços de accomplishment ou de atividade poderiam ser inseridos no núcleo vazio dos VPs selecionados por *terminar* naqueles casos. Com esses verbos, o VP teria as propriedades [+estágios] e [+télico]. Por outro lado, se inseríssemos verbos com traços de achievements, o VP teria as propriedades [-estágios] e [+télico]; conseqüentemente, não seria possível inserir *terminar* nesses casos. Observando os dados abaixo, essa hipótese se confirma.⁷

- (10) a.*Ivo terminou de *vender* a casa.
 b.*Ivo terminou de *comprar* a cerveja.
 c.*Ivo terminou de *entregar* o livro.
- (11) a. Ivo terminou de *construir* a casa.
 b. Ivo terminou de *beber* a cerveja.
 c. Ivo terminou de *ler* o livro.

Os verbos destacados em (10) têm traços de achievement e, como esperado, seus predicados não são selecionados por *terminar* – VPs como *vender a casa* ou *entregar o livro* não formam predicados com as propriedades [+estágios] e [+télico]. Já os casos em (11) mostram que tanto os verbos com traços de atividade (*beber*, *ler*) quanto aqueles com traços de accomplishment (*construir*), somados a seus objetos diretos, formam predicados selecionáveis por *terminar*.⁸

A partir dos dados acima, poderíamos dizer que predicados com verbos de achievements nunca poderiam ser selecionadas por *terminar*, mas isso não é verdade. Se o complemento desse verbo for um objeto quantizado e plural, a seleção acontece normalmente, como já tínhamos visto no caso (7c), repetido abaixo como (12a). Nas sentenças (12b-c), também temos os objetos diretos no plural e as sentenças são bem formadas com *terminar*.

- (12) a. Ivo terminou de *recolher* as latas.
 b. Ivo terminou de *vender* as casas.
 c. Ivo terminou de *comprar* os livros.

Outra questão importante: não é possível dizer que *terminar* seleccione todo tipo de predicado de accomplishment. Na literatura, as eventualidades descritas por sentenças como

⁷ Como estados são [-télico] e [-estágios], nós os desconsideramos nesse contexto.

⁸ Como a análise minuciosa sobre a diferenciação das classes de Vendler não é o nosso objetivo aqui, sugerimos ao leitor interessado a leitura de Rothstein (2004). Para a autora, essas classes são próprias dos verbos e não exatamente dos VPs (cf. seção 2.1.) e, por isso, estamos utilizando a expressão “verbos com traço de...” para nos referirmos mais especificamente ao verbo. Neste trabalho, no entanto, assumimos que as propriedades das classes verbais são dadas no nível do VP.

(13) são consideradas accomplishments, porque os sintagmas *três quarteirões*, *até a padaria* e *a sopa* mediriam, respectivamente, as eventualidades de andar, correr e apimentar. No entanto, *terminar* não pode aparecer nessas sentenças, como vemos em (14).

- (13) a. Ivo *andou três quarteirões*.
 b. Ivo *correu até a padaria*.
 c. Ivo *apimentou a sopa*.
- (14) a.*Ivo terminou de *andar três quarteirões*.
 b.*Ivo terminou de *ir até a padaria*.
 c.#Ivo terminou de *apimentar a sopa*.

Tendo em vista as questões com as quais nos deparamos a partir dos dados em (10-14), na seção 2.1., argumentaremos que o predicado que *terminar* seleciona precisa ser *incremental*, e que o objeto quantizado e plural em (12) contribui para a formação de um predicado desse tipo. Mostraremos também que, mesmo consideradas accomplishments, as eventualidades descritas por (13) não são incrementais e, por isso, *terminar* não as seleciona. O que elas têm, na verdade, é uma leitura télica, mas não precisamente incremental (cf. Rothstein 2004).

2.1. Sobre a estrutura dos accomplishments e incrementalidade

Como dissemos há pouco, Tenny (1994) afirma que objetos quantificados, como *o copo* e *a casa*, em (15), medem o evento, o que faz com que esses eventos sejam télicos. Em (16), no entanto, como os objetos *copos* e *casas* não são quantificados, eles não dão uma medida, o que faz com que o predicado seja atélico.

- (15) a. Eva lavou o copo.
 b. Ivo pintou a casa.
- (16) a. Eva lavou copos.
 b. Ivo pintou casas.

Considerando que a telicidade está diretamente relacionada ao objeto, Verkuyl (1993) diz que objetos massivos ou com quantificação genérica contribuem para uma leitura de atividade dos predicados em (16). Wachowicz (2008) também discute o papel do objeto direto na estrutura da sentença e diz que, “não há telicidade no verbo; ela está em outros fenômenos da sentença: na quantificação do objeto ou em PPs que marcam o término ou a culminância” de um evento (Wachowicz, 2008, p. 64-65). A autora prefere assumir que a telicidade não vem do verbo, mas é uma propriedade vinda de outros elementos da sentença.

Rothstein (2004; 2008), por sua vez, assume que lexicalmente os verbos podem ser achievements, accomplishments, estados ou atividades, mas que a informação de telicidade é dada no nível do VP. Para a autora, telicidade não está relacionada à culminância, mas sim à atomicidade: eventos contáveis/atômicos, são télicos; do contrário, são atélicos. Tal atomicidade é dada por uma medida, que pode vir de um objeto quantificado ou de um adjunto que delimite uma atividade. Assim, eventos como *ler o livro* ou *correr até a padaria* são atômicos porque contam como um evento único e, portanto, são télicos. Outros como

correr ou *ser brasileiro* não são atômicos, porque nada mede o evento como único; logo, são eventos atélicos.

Quanto à culminância, não é pertinente se falar dela para eventualidades achievements, já que ela não está relacionada diretamente à telicidade, mas à incrementalidade dos predicados accomplishments: a culminância é o último estágio de um evento accomplishment, sendo parte da estrutura desse tipo de eventualidade. Mas o que é uma eventualidade incremental?

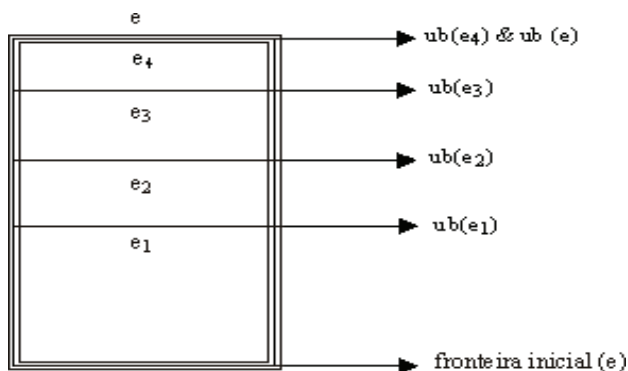
Grosso modo, podemos dizer que uma eventualidade incremental é composta de subeventos (estágios) e uma culminação. Por isso, apenas accomplishments, na terminologia de Vendler (1967) podem ser incrementais.

Para uma discussão adequada sobre a estrutura dos accomplishments, é fundamental saber como os objetos diretos contribuem para que a eventualidade seja incremental. Rothstein (2004) apresenta a proposta de Krifka (1992, 1998), para quem há uma relação direta entre a denotação do objeto tema (sua medida/extensão/gradação) e a progressão/extensão do evento do qual esse tema participa. Por exemplo: a extensão do evento de comer uma maçã equivaleria à extensão da maçã; a extensão do evento de escrever um livro equivaleria à extensão do livro.⁹

Já na seção 1, dissemos que Rothstein (2004, p. 21) considera que “intuitivamente, um accomplishment é uma atividade que se move em direção a um ponto final”, i.e., uma atividade mais uma culminação. Por isso, Rothstein (2004, p. 106-108) sugere que um evento accomplishment seja composto de um evento e_1 , uma atividade, e de um evento de mudança e_2 , que acompanha a atividade durante todo o processo, até a sua culminação. Assim, a autora denomina e_2 de *processo incremental*, porque suas partes (estágios/subeventos) são “individualizáveis” e existe uma ordem entre essas partes. Cada estágio do processo incremental tem sua própria culminação (upper bound) e o upper bound do último estágio é também a culminação da eventualidade accomplishment.

Considere o gráfico a seguir (17), em que e seria um evento accomplishment qualquer como *construir uma casa*, constituído de subeventos/estágios (e_1, e_2, e_3, e_4); cada subevento desse tem seu próprio upper bound (ub) e o upper bound do último evento é, ao mesmo tempo, o upper bound da eventualidade e .

(17) Evento incremental (baseado em Rothstein, 2004, p. 108)



⁹ Detalhes da proposta de Krifka em Rothstein (2004).

A atividade que faz parte do accomplishment está relacionada ao tipo de evento. Por exemplo: no caso de construir uma casa, o evento atividade é composto de atividades de diferentes naturezas: fazer o alicerce, erguer as paredes, colocar as telhas, pintar etc. Cada atividade dessa tem sua própria culminação e o upper bound da última atividade será o upper bound de todo o processo incremental que envolve a construção de uma casa.

Por outro lado, num accomplishment como ler um livro, o evento atividade é basicamente o mesmo (ler), enquanto as culminações das partes podem variar, podendo ser a conclusão de cada página ou de cada capítulo, por exemplo. Apesar dessa diferença, tanto ler um livro quanto construir uma casa são eventos accomplishments, já que ocorre um processo incremental que afeta estágio a estágio seus argumentos (casa e livro).

O upper bound garante a mudança de estado verificada com accomplishments: quando o evento mínimo final culmina, o argumento que sofreu o processo incremental muda de estado – a casa fica construída e o livro lido, para citar os exemplos que utilizamos acima.

Vamos resumir a proposta apresentada nos próprios termos de Rothstein (2004, p. 112):

Um processo incremental é um evento de mudança com uma progressão interna inerente expressa pelo fato que ele tem partes distintas que permanecem numa ordem linear e que formam uma cadeia incremental (...) O processo que afeta o tema é um processo gradual com estágios identificáveis e ordenados de uma maneira particular determinada pelo processo.

Rothstein (2004) desvincula a extensão do evento incremental da extensão do objeto (contra Krifka 1992, 1998). Para ela, incrementalidade está ligada ao processo incremental em que há estágios ordenados e que afeta de algum modo o tema do evento, mas esse processo pode ou não afetar gradualmente o tema, já que isso não é essencial para incrementalidade. Assim, “argumento incremental de um accomplishment é o argumento do processo incremental, com o qual algo acontece passo a passo” (Rothstein 2004, p. 115). Aliás, é assim que se entende a afirmação de Wachowicz (2008, p.63): “não há accomplishment sem seu complemento, pois este participa com o verbo do desenrolar do evento”, entendido como evento incremental.

Essa proposta de Rothstein (2004) para os accomplishments serve como argumento indispensável para que entendamos a semântica de *terminar* em PB (e em outras línguas). Se esse verbo seleciona apenas a classe das eventualidades incrementais, sua função deve ser, portanto, a de expressar algo em relação à estrutura incremental. Vamos assumir, portanto, que *terminar* expresse o upper bound (a culminação) de uma eventualidade incremental.

É bom ressaltar que não estamos falando apenas de medida de um evento, porque ser medido, na teoria de Rothstein (2004; 2008), significa ser télico (achievements, por exemplo, são medidos), mas de uma incrementalidade do evento, um processo composto de estágios em que algo aconteça com um argumento nesses estágios. No caso de construir uma casa, o objeto a casa vai sendo construído estágio a estágio até atingir o upper bound; no caso de ler um livro, cada parte lida do livro é um estágio da leitura até o último upper bound e assim com outros accomplishments. De alguma maneira, o objeto direto que aparece nos predicados de accomplishments é afetado, estágio a estágio, até sua conclusão.

Consideremos que nossa hipótese de que *terminar* expresse o upper bound de uma eventualidade incremental esteja correta. Como explicar a boa formação das sentenças com

terminar e verbos com traços de achievements, casos de (12) e repetidos a seguir como (18)?

- (18) a. Ivo terminou de *recolher* as latas.
 b. Ivo terminou de *vender* as casas.
 c. Ivo terminou de *comprar* os livros.

Consideramos anteriormente que em (18), o plural quantizado seria capaz de dar estágios e, ao mesmo tempo, medir o evento, tornando-o télico. Agora, podemos reescrever essa ideia e dizer que o plural quantizado é capaz de tornar o evento incremental, ou seja, o evento é composto de uma atividade, de um evento de mudança e de uma relação incremental.

Isso ocorre porque, embora haja telicidade/atOMICIDADE em (18), os eventos ali são iterativos, ou seja, são compostos de subeventos que se repetem até o limite das entidades presentes no contexto. Ilustramos em (19), a seguir, como seria formado o evento de (18c). Consideremos que “os livros” denote apenas três livros a serem comprados e que Ivo comprou um em cada dia da semana.

(19)

COMPRAR OS LIVROS		
1ª. compra – livro A	2ª. compra – livro B	3ª. compra – livro C
segunda-feira	quarta-feira	sexta-feira

Uma situação como (19) poderia ser o contexto de uma frase como: *Ivo começou a comprar os livros do Pedro na segunda-feira e só terminou na sexta-feira*. No mesmo caso, seria possível perguntar ao Ivo na quinta-feira: “você comprou os livros do Pedro?”; e a resposta poderia ser: “ainda não terminei”. Esse tipo de resposta é pertinente quando se fala de processo incremental. Mas destacamos que isso só é possível em (18c) porque há um número definido de livros para serem comprados (no caso, três) dentro de um processo com estágios; e é exatamente essa a contribuição que o plural quantizado dá para o VP, tornando-o incremental.

Mas, se *terminar* seleciona predicados de accomplishment por sua incrementalidade, e se os predicados em (20a; 21a; 22a) são considerados accomplishments, por que as sentenças (20b; 21b; 22b) não são bem formadas?

- (20) a. Ivo andou três quarteirões.
 b.*Ivo terminou de andar os três quarteirões.
- (21) a. Ivo correu até a loja.
 b.*Ivo terminou de correr até a loja.
- (22) a. Ivo correu um quilômetro.
 b.*Ivo terminou de correr um quilômetro.

Na verdade, o que ocorre nos casos acima é que o objeto-tema não é afetado estágio a estágio, como nas eventualidades incrementais. Rothstein (2004) diz que sintagmas como

três quartos (20), *até a loja* (21) e *um quilômetro* (22) são utilizados simplesmente para medir a extensão dos seus eventos, tornando-os télicos. No entanto, nesses eventos, não temos o evento de mudança nem a relação incremental, conseqüentemente, não há um processo incremental, presente nos outros casos com accomplishments. Por isso, os casos acima não possuem predicados incrementais e, como esperado, não podem ser selecionados por *terminar*.

Dessa forma, Rothstein (2004) assume que modificadores como *um quilômetro* ou *até a loja* denotam funções atômicas, ou seja, os eventos são atômicos com esses modificadores, porque recebem uma medida. Conseqüentemente, são télicos, mas não incrementais. Portanto, casos como (20-22) são parecidos com accomplishments no sentido de mostrarem uma trajetória, um percurso, mas não mostram necessariamente uma incrementalidade do evento.¹⁰

Alguns outros casos, observados por parecerista, merecem ser apresentados aqui. O primeiro deles diz respeito à possibilidade de *terminar* selecionar predicados que denotam atividades (23) e achievements (24), em contextos específicos.¹¹

(23) Ivo terminou de brincar.

Contexto: Apareceu um brinquedo novo em casa e há dois irmãos interessados nele. A mãe interfere e distribui as etapas: primeiro o Ivo e depois o Pedro. Entre uma vez e outra a mãe enuncia: “Ivo terminou de brincar. Agora é a vez do Pedro”.

(24) Ivo terminou de vender a casa.

Contexto: O processo de venda foi desgastante e trabalhoso, exigindo a documentação do inventário entre outras coisas. Ivo é o corretor e se esforçou para adiantar os papéis e ver a casa vendida rapidamente e ganhar sua esperada comissão. A mulher do Ivo, co-interessada, diz para a mãe: “Ivo terminou de vender a casa, e agora a gente vai poder comprar o quarto fo Júnior”.

Para esse parecerista, olhando os dados acima poderíamos dizer que *terminar* selecionaria não exatamente um predicado incremental como argumento, mas algum intervalo de tempo sintática ou discursivamente delimitado. Contra tal posição, temos dois argumentos: primeiramente, se a delimitação fosse suficiente, não teríamos como explicar a impossibilidade de ocorrência dos casos em (20-22), mostrados acima. Em segundo lugar, os VPs *brincar* e *vender a casa* nas sentenças (23-24) têm claramente uma leitura incremental. No segundo caso, por exemplo, a explicação do contexto sugere haver um processo com etapas diferentes, como a conclusão do inventário, a negociação da casa, a organização da documentação etc. Essas etapas são os estágios do processo incremental de vender a casa, o que licencia a ocorrência de *terminar* na sentença.

O outro caso também apontado por um parecerista diz respeito às nominalizações, que deixamos de lado neste trabalho. Vejamos os casos em (25).

¹⁰ Poderíamos falar de uma “leitura accomplishment” para esses predicados, mas claramente não há uma relação incremental como em casos típicos de accomplishment.

¹¹ Embora como alguns falantes do PB não aceitem sentenças como (24) - eu inclusive - agradeço ao anônimo parecerista que me sugeriu os contextos utilizados aqui.

- (25) a. Ivo terminou a dança.
b. Ivo terminou a corrida.

Nesses casos, há eventos de dançar e correr que têm estágios e ponto final. Nossa hipótese para a aceitabilidade desses casos é a de que as nominalizações precisam descrever eventos incrementais, obrigatoriamente, i.e., eventos que ocorram em estágios e que haja um upper bound. Isso obrigaria que a dança e a corrida tivessem estágios e uma delimitação explícita no contexto em que (25) foram utilizadas. Tal análise poderia, inclusive, ser estendida para outros ambientes, por exemplo, o do espaço, para casos como (26).

- (26) Essa rua termina aqui.

Nesse caso, não há eventos em jogo; mas a rua pode ser entendida perfeitamente como uma extensão de algo que possui um ponto final (um upper bound).

Em resumo, o que estamos defendendo é que *terminar* faz uma exigência com relação a seu complemento: ser de natureza incremental, o que parece ficar claro na discussão que apresentamos até aqui. Portanto, não diríamos que os casos em (23-26) possam constituir contra-exemplos à análise.

Esta seção apresentou a estrutura dos accomplishments a fim de explicar a razão pela qual os predicados dessa classe são selecionados pelo aspectual *terminar*: esse verbo seleciona VPs incrementais e apenas accomplishments podem formar eventos com essa característica. Vimos ainda que nem todos os eventos que têm leitura accomplishment são selecionados por *terminar* porque, na verdade, não há uma estrutura incremental. Na seção seguinte, discutiremos mais detalhadamente a operação semântica de *terminar*.

3. A SEMÂNTICA DE *TERMINAR*

Na seção anterior, discutimos a estrutura dos accomplishments e mostramos que eles são compostos de dois eventos: um evento e_1 , uma atividade, e um evento de mudança e_2 , que acompanha a atividade durante todo o processo, até a sua culminação. Esse evento e_2 é o processo incremental, já que suas partes (estágios/subeventos) são “individualizáveis” e existe uma ordem entre essas partes. Cada estágio do processo incremental tem sua própria culminação (upper bound) e o upper bound do último estágio é também a culminação da eventualidade accomplishment.

É nesse upper bound (nesse estágio final) que localizamos *terminar*: ele toma um predicado de uma eventualidade incremental como argumento e retorna o evento mínimo final (o upper bound) dela como output. A definição de upper bound é dada em (27):

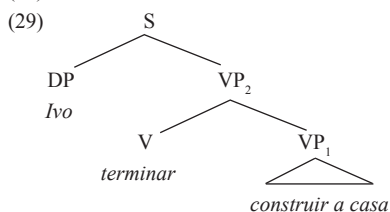
$$(27) \quad \text{ub}(e, P) \sim e \ \& \ \tau(\text{ub}(e, P) \subseteq_{\text{final}} e$$

Em palavras: o upper bound de um evento e , relativo a um predicado P , é trans-temporalmente idêntico a e ($\sim e$) e a duração (τ) desse upper bound é a parte final do evento e . Por trans-temporalmente idêntico, entenda-se que, para fins de contagem, o upper bound e o evento e

contam como um único evento, já que o upper bound é um estágio de *e*. Isso garante que o subevento final de *e* e o próprio evento *e* estejam relacionados no tempo

Dada a definição de upper bound, assumimos que *terminar* seja um modificador sobre predicados: seu papel é tomar um predicado P (incremental) como argumento e oferecer como resultado um outro predicado P', que denota o upper bound do evento dado por P. Vamos tomar como exemplo a sentença em (28) e sua estrutura em (29).

(28) Ivo terminou de construir a casa.



Deixamos de lado as questões relativas a tempo e aspecto e utilizamos o aspectualizador no infinitivo, com uma estrutura bastante simples (28). Como o leitor percebe, essa estrutura mostra que *terminar* toma um VP como complemento (construir a casa; VP₁) e dá como resultado outro VP (terminar de construir a casa; VP₂). O predicado desse VP é que denota o upper bound: *terminar de construir a casa*.¹² A partir disso, apresentamos em (30) as condições de verdade de (28) – reforçamos que deixamos de lado as questões relativas a tempo e aspecto.

- (30) a. *e*' é terminar de construir a casa (dado por VP₂); e
 b. *e* é construir a casa (dado por VP₁); e
 c. *e*' é o upper bound (o subevento final) de *e*; e
 d. *e*' não contém um evento menor como subevento final de *e*; e
 e. a duração de *e*' é parte final (\subseteq_{final}) da duração de *e*.

Depois de apresentadas as condições de verdade, o leitor deve estar se perguntando a respeito do sujeito *Ivo* na estrutura em (29): *terminar* não tomaria como argumento *Ivo construir a casa* ao invés de *construir a casa*, apenas? Por que estaria o sujeito na posição de argumento externo de VP₂?

Na verdade, *terminar* parece impor restrições também quanto ao tipo de sujeito que pode aparecer em suas sentenças. Compare os seguintes exemplos, sugeridos a nós por Brenda Laca (comunicação pessoal):

- (31) a. As folhas começaram a desenhar um círculo em torno da árvore.
 b. *As folhas terminaram de desenhar um círculo em torno da árvore.

¹² Essa análise sugere que a culminação seja resultado da composicionalidade da perífrase *terminar de* + infinitivo, como bem nos advertiu um parecerista.

¹³ Essa seleção de sujeito reforçaria ainda mais a ideia de que verbos aspectuais como *terminar* não seriam verbos auxiliares (gramaticais), mas verbos plenos (lexicais). No entanto, deixamos uma argumentação mais consistente sobre isso para pesquisas futuras.

Esses exemplos mostram que uma entidade inanimada – como as folhas em (31) – não podem aparecer como sujeito de uma sentença com *terminar*, sugerindo que este verbo seja capaz de impor restrições também ao tipo de sujeito da sentença que ocorre.¹³ De fato, se substituirmos o sujeito por uma entidade com propriedades de desencadeador, temos uma sentença possível:

- (32) a. Ivo terminou de desenhar um círculo com as folhas em torno da árvore.
b. O vento terminou de derrubar a casa.

Nos exemplos acima, tanto *Ivo* como *o vento* têm propriedades de desencadeador e podem aparecer nas sentenças com *terminar*. Como se vê, não é o fato de uma entidade ser animada (com vida) que faz a sentença com *terminar* ser aceitável, mas o fato dessa entidade poder desencadear uma ação. No caso de (32b), por exemplo, o vento (ou a força do vento) é perfeitamente capaz de derrubar uma casa, sobretudo se essa casa estiver prestes a cair.

Dessa forma, assumimos que *terminar* não impõe restrições apenas ao tipo de predicado que seleciona como argumento, mas também ao tipo de sujeito que aparece em sua sentença (ver também Freed 1979 para o verbo *finish*, do inglês).

Até aqui, nossa análise para *terminar* explica o fato desse verbo expressar o último estágio de uma eventualidade incremental. Aliás, a eventualidade dada pelo resultado da modificação de *terminar* também tem características incrementais e o fato de *terminar* poder aparecer no progressivo (33a), vem exatamente de sua capacidade de retornar uma eventualidade incremental como output, algo que acontece também com outros aspectuais como *começar* (33b) ou *parar* (33c) mas não com *passar* (33d), por exemplo, porque esse último retorna uma eventualidade estativa como seu output (cf. Bertucci 2009).

- (33) a. Ivo está terminando de construir a casa.
b. Ivo está começando a construir a casa.
c. Ivo está parando de construir a casa.
d.*Ivo está passando a construir a casa.

Um argumento favorável à nossa análise vem do fato de que verbos ou outros elementos semelhantes a *terminar* em diferentes línguas apresentam as mesmas propriedades. Vamos mostrar, por exemplo, o fato relacionado à seleção: Newmeyer (1975), Freed (1979), Brinton (1988) entre outros, mostram que em inglês, *finish* ‘terminar’ só seleciona predicados de accomplishments (34a); o mesmo tipo de seleção ocorre em japonês (34b), com o verbo aspectual *oe* ‘finish’, conforme vemos em Fukuda (2006);¹⁴ em línguas românicas, como o francês (34c), o italiano (34d) e o espanhol (34e), os respectivos verbos de upper bound *finir*, *finire* e *terminar* também selecionam apenas predicados de accomplishments.

¹⁴ Abreviações utilizadas nos exemplos: 3s: 3ª. pessoa-singular; ACC: acusativo; ART: artigo; DET: determinante; LOC: locativo; NFUT: não-futuro; NOM: nominativo; PERF: perfectivo; PL: plural.

- (34) a. John **finished** writing the paper. *inglês*
 ‘John terminou de escrever o artigo’
- b. Kodomo-tachi-ga sakamichi-o aruki **-oe** -ta. *japonês*
 child-PL-NOM hill-ACC walk -finish₂ -PERF
 ‘The children finished walking up a hill.’ ‘As crianças terminaram de subir um morro’
- c. Jean a **fini** d’écriture le livre. *francês*
 d. Gianni ha **finito** di scrivere il libro. *italiano*
 e. Juan **terminó**/ ha **terminado** de escribir el libro. *espanhol*
 ‘João terminou de escrever o livro’

Outro exemplo vem da língua Fongbè, da família Kwa do Benin. Da Cruz (1995) mostra que o verbo *fó* ‘finish [terminar]’ se comporta exatamente como *finish* e seleciona apenas predicados de accomplishments (35a).

- (35) a. Kòkú wà àzò ò **fó**.
 K. do work DET finish
 ‘K. finished doing the work [K. terminou de fazer o trabalho]’
- b.*Ayàbá bú àwù ò **fó**
 A. lose dress DET finish
 A. finished losing the dress [A. terminou de perder o vestido]’
- c.*Kòkú tún Asíbá **fó**.
 K. know A. finish
 ‘K. finished knowing A. [K. terminou de conhecer A.]’

Finalmente, Frutos (2010) mostra que a partícula *pa*, no guarani paraguaio, pode modificar adjetivos de escala fechada e eventualidades accomplishments. Nesse último caso, a sentença tem o sentido de *terminar* ou *realizar completamente* o evento. Por isso, utilizar *pa* e, ao mesmo tempo, dizer que o evento não atingiu seu upper bound, não é possível em guarani paraguaio, como se vê em (36b).

- (36) a. Juan o-japo-Ø-pa (la) hoga
 J. 3S-fazer-NFUT-PA ART casa
 ‘J. terminou de fazer a casa’
- b.*Juan o-japo-Ø-pa (la) hoga, ha ndaipori (la) techo
 J. 3S-fazer-NFUT-PA ART casa e não tem ART teto
 ‘J. terminou de fazer a casa, mas ainda não tem teto’

Se de fato *pa* expressa o upper bound de um evento incremental, a agramaticalidade de (36b) é esperada e isso corrobora tanto a análise de Frutos (2010) de que essa partícula expressa a completude de uma eventualidade accomplishment – um “evento de escala fechada”, na terminologia da autora –, quanto a nossa análise de que, translinguisticamente, os verbos ou elementos que realizam a mesma operação que *terminar* realiza em PB têm as mesmas restrições de seleção: só operam sobre predicados incrementais.

CONCLUSÃO

Neste trabalho, defendemos que a contribuição semântica de *terminar*, na perífrase *terminar de* + infinitivo seja a de expressar o upper bound de uma eventualidade incremental. Apoiados na proposta de Rothstein (2004), mostramos que essas eventualidades são tipicamente accomplishments, na classificação vendleriana, já que compostas de subeventos (ou estágios) e de uma culminação (o upper bound). Por outro lado, predicados como *correr até a padaria* ou *andar três quilômetros*, embora desencadeiem uma leitura accomplishment, não são exatamente incrementais, pois lhes falta o processo incremental, parte essencial na teoria sobre incrementalidade de Rothstein (2004). Vimos também que *terminar* impõe restrições ainda quanto ao tipo de sujeito que aparece em suas sentenças, exigindo um sujeito com propriedade de desencadear uma ação. Finalmente, observamos que a mesma restrição de seleção quanto ao tipo de argumento que ocorre com *terminar* em PB acontece com outros verbos ou partículas em outras línguas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERTUCCI, R. (2009). Some remarks on *começar* and *passar* in Brazilian Portuguese. Apresentação no 9th Chronos, Paris: Université Paris-Diderot. Handout.
- _____. (2010). Auxiliares terminativos em português brasileiro. *Filologia e Linguística Portuguesa*, São Paulo, v.12(1).
- BERTUCCI, R.; PARAGUASSU, N.; LUNGUINHO, M. V. (2009). Denotações mominais e interação com o verbo *terminar*, pôster apresentando em *Discutindo Semântica Formal com Rodolfo Ilari*. Unicamp: Campinas.
- _____. (2010). Bare plurals and achievements verbs: a case study of aspectual verbs. *Journal of Portuguese Linguistics*. v. 9, n. 1.
- BRINTON, L.J. (1988). The development of English Aspectual systems. New York: Cambridge Univ. Press.
- CUNHA, L. F. (2005). Reconsidering Stative Predications, their Behaviour and Characteristics, Porto: *Cadernos de Linguística* n. 11. CLUP.
- CYRINO, S.; MATOS, G. (2007). Elipse do VP e variação paramétrica. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, 49(2). Unicamp/Campinas. pp. 195-206.
- DA CRUZ, M. (1995). Aspectual verbs fô, vo 'finish' in Fongbè. *The Linguistic Review* v.12, pp. 361-380.
- FREED, A. (1979). The semantics of English aspectual complementation. Dordrecht: D.Reidel Publishing Co.
- FRUTOS, L. (2010). Construções causativas no guarani paraguaio. *I Workshop de línguas indígenas da Universidade de São Paulo*, São Paulo. Handout.
- FUKUDA, S. (2006). *The Syntax of Japanese Aspectual Verbs*. FAJL 4, Osaka University. Handout. Disponível em: http://idiom.ucsd.edu/~fukuda/FAJL4_handout_final.pdf Acesso em: 28 set. 2010.
- KRIFKA, M. (1992). Thematic relations as links between nominal reference and temporal constitution. In: SAG, I.; SZABOLSCI, A. (eds.). *Lexical Matters*. Stanford, CA: CSLI Publications.

- _____. (1998). The origins of Telicity. In: ROTHSTEIN, S. (ed.), *Events and Grammar*. Dordrecht: Kluwer.
- LACA, B. (2002). Spanish 'aspectual' periphrases: Ordering constraints and the distinction between situation and viewpoint aspect. In: GUTIÉRREZ-REXACH, J. (ed.), *From words to discourse. Trends in Spanish semantics and pragmatics*. Oxford: Elsevier.
- _____. (2004). Romance 'aspectual' periphrases: Eventuality modification versus 'syntactic' aspect. In: LECARME, J.; GUÉRON, J. (eds.). *The Syntax of Time*. Cambridge, MA: The MIT Press, pp. 425-440.
- LAMIROY, B. (1987). The complementation of aspectual verbs in French. *Language*, **63**, pp. 278-298.
- LANDMAN, F. (1992). The progressive. *Natural Language Semantics* 1, pp. 1-32.
- NEWMeyer, F. J. (1975). *English Aspectual Verbs*. Paris: Mouton.
- PARTEE, B. H. (1977). John is easy to please. In *Linguistic Structures Processing*, ed. A. Zampolli, pp. 281-312. Amsterdam: North-Holland.
- PAYNE, T. E. (2010). The two *be*'s of English. *Understanding English Grammar*. Disponível em: <http://pages.uoregon.edu/tpayne/UEG/UEG-additionalreading-ch11-2bes.pdf>. Acesso: 4 maio. 2010.
- PERLMUTTER, D. M. (1970). The two verbs begin. In: JACOBS, R. A.; ROSENBAUM, P.S. (eds.), *Readings in English Transformational Grammar*. pp. 107-19. Waltham, Mass: Blaisdell.
- ROCHETTE, A. (1988). *Semantic and Syntactic Aspects of Romance Sentential Complementation*. PhD dissertation. Cambridge: MIT.
- _____. (1999). The selection properties of aspectual verbs. In: JOHNSON, K. e ROBERTS, I. (eds.), *Beyond Principles and Parameters: Essays in Memory of Osvaldo Jaeggli*. Dordrecht: Kluwer.
- ROTHSTEIN, S. (2004). *Structuring Events*. Oxford: Blackwell.
- _____. (2008). Telicity, atomicity and the Vendler classification of verbs. In: ROTHSTEIN, S. (ed.), *Theoretical and Cross-linguistic Approaches to the Semantics of Aspect*. Benjamins: Amsterdam.
- SMITH, C. *The parameter of Aspect*. 2.ed. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers. 1997.
- TENNY, C. (1994). *Aspectual Roles and the Syntax-Semantics Interface*. Dordrecht: Kluwer.
- TRAVAGLIA, L.C. (2006). *O aspect verbal no português: a categoria e sua expressão*. 4.ed. Uberlândia: Editora da Universidade Federal de Uberlândia.
- VENDLER, Z. (1967). Verbs and times. *Linguistics in Philosophy*. Ithaca: Cornell University Press.
- VERKUYL, H. J. (1993). *A theory of Aspectuality: the interpretation between temporal and atemporal structure*. Cambridge: Cambridge University Press.
- WACHOWICZ, T. (2008). Telicidade e classes aspectuais. *Revista do Gel*, v. 5, n.1, pp. 57-68.

Ficha técnica

Divulgação	Publicações IEL-UNICAMP
Montagem	Publicações IEL
Editoração	In design
Formato	16 x 23 cm
Mancha	12 x 19 cm
Tipologia	Times New Roman 8 e 10
Papel	Miolo: Pólen Soft 75 g/m Capa: Cartão Supremo 250 g/m
Impressão e acabamento	Oficinas Gráficas da UNICAMP
Numero de páginas	92
Tiragem	400 exemplares